

LISBOA E OS ESTRANGEIROS

LISBOA DOS ESTRANGEIROS

ATÉ AO TERRAMOTO DE 1755

Coordenação

Maria João Pacheco Ferreira

Pedro Flor

Teresa Leonor M. Vale



ORGANIZAÇÃO



Fundação das Casas
de Fronteira e Alorna

EDIÇÃO



PROPRIEDADE | Grupo Amigos de Lisboa
Rua Portugal Durão, 58 A - 1600-187 LISBOA
Tel. 217 800 156 | amigosdelisboa@mail.telepac.pt

TÍTULO | Lisboa e os Estrangeiros | Lisboa dos Estrangeiros
até ao Terramoto de 1755

COORDENAÇÃO | Maria João Pacheco Ferreira, Pedro Flor, Teresa Leonor M. Vale

AUTORES | Ana Cristina Leite, Ana Maria Leal de Faria, Carlos Guardado da Silva,
David Martin López, Fernando Lopes, Fernando Mascarenhas, Isabel Mendonça,
Jorge Fonseca, Margarida Bastos, Maria João Pacheco Ferreira, Maria João
Pereira Coutinho, Maria Leonor Machado de Sousa, Maria Zulmira Castanheira,
Nuno Vassallo e Silva, Nunziatella Alessandrini, Pedro Flor, Salete Salvado,
Sílvia Ferreira, Teresa Leonor M. Vale, Vítor Serrão

DEPÓSITO LEGAL | XXXXXXX/13

ISBN | 978-972-638-071-9

TIRAGEM | 600 exemplares

ARRANJO GRÁFICO | Câmara Municipal de Lisboa / Ernesto Matos

CAPA | Fragmento de uma pintura da autoria de Dirk Stoop / Museu da Cidade

IMPRESSÃO
E ACABAMENTO | Imprensa Municipal de Lisboa

DISTRIBUIÇÃO | Grupo Amigos de Lisboa

ÍNDICE

- 9 Texto de abertura do Presidente da Fundação das Casas de Fronteira e Alorna
Fernando Mascarenhas
- 11 Texto de abertura da Presidente e vice-Presidente da Junta Directiva do Grupo Amigos de Lisboa
Salette Salvado e Sílvia Ferreira
- 13 O Colóquio *LISBOA E OS ESTRANGEIROS | LISBOA DOS ESTRANGEIROS até ao Terramoto de 1755*. Apresentação
Maria João Pacheco Ferreira, Pedro Flor, Teresa Leonor M. Vale
- 15 Programa do Colóquio *LISBOA E OS ESTRANGEIROS | LISBOA DOS ESTRANGEIROS até ao Terramoto de 1755*
- 19 *Lisboa nas narrativas estrangeiras do século XII*
Carlos Guardado da Silva
- 35 *Lisboa manuelina vista pelo Flamengo Jan Taccoen van Zillebeke*,
Jorge Fonseca
- 45 *“E non lasci di venire a questo sito, il più bello d’Europa”. Retratos italianos da cidade de Lisboa (1579-1600 ca.)*
Nunziatella Alessandrini
- 57 *Representações de Lisboa na literatura de viagens britânica anterior ao Terramoto: uma visão panorâmica*
Maria Zulmira Castanheira
- 73 *Lisboa em 1730: uma visão francesa*
Maria Leonor Machado de Sousa
- 83 *“Le génie portugais” na correspondência diplomática entre Lisboa e Berlim*
Ana Maria Leal de Faria
- 97 *Entre o assombro e a perplexidade: a arte da talha da Lisboa barroca vista pelos Estrangeiros*
Sílvia Ferreira
- 109 *Pierre Loiret (act. 1540-1560): um escultor do Renascimento em Lisboa*
Pedro Flor
- 115 *Ourives estrangeiros e um gosto português 1500-1600*
Nuno Vassallo e Silva
- 123 *A tradição das armações têxteis aos olhos dos estrangeiros que visitam Lisboa*
Maria João Ferreira
- 135 *João Baptista Castello (act. 1661-1680): um artista estrangeiro na Lisboa brigantina*
Maria João Pereira Coutinho
- 145 *Ainda Roma em Lisboa: as réplicas de altares da basílica de S. Pedro do Vaticano enviadas para a capital, entre 1741 e 1745*,
Teresa Leonor M. Vale
- 159 *Um ignorado pintor de Livorno na Lisboa de D. João V: Orazio Ferri (act. 1728-1749)*
Vítor Serrão
- 171 *Giovanni Carlo Bibiena e a sua equipa: artistas bolonheses na Lisboa pré-terramoto*
Isabel Mendonça
- 183 *Carlos Mardel (1696-1763): um arquitecto estrangeiro odiado e abençoado pela Inquisição de Lisboa*,
David Martín López
- 199 *A representação de Lisboa. Autores estrangeiros nas colecções do Museu da Cidade*
Ana Cristina Leite, Fernando M. Peixoto Lopes, Margarida Almeida Bastos

PIERRE LOIRET (ACT. 1540-1560): UM ESCULTOR DO RENASCIMENTO EM LISBOA

Pedro Flor

UAb- IHA/FCSH-Universidade Nova de Lisboa

No século XVI, a cidade de Lisboa constituiu em simultâneo o cenário quer dos primórdios da escultura pétreo renascentista (1517), com as empreitadas de Castilho e Chanterene nos portais da igreja hieronimita de Santa Maria de Belém, quer da alvorada do movimento maneirista, sobretudo por via das obras de marcenaria, assumindo por vezes certos paralelos estilísticos com a fase mais tardia da acção da oficina de João de Ruão em Coimbra. Lisboa aproximava-se deste modo daquilo que a Europa dos meados da centúria realizava nos principais centros artísticos. Durante este largo século XVI, para utilizar o título feliz da obra de Fernando Marías, a capital viu chegar um número considerável de artistas e artífices que procurava a melhor e mais abastada clientela para aqui se fixar, sem esquecer aqueles que apenas visitavam a metrópole de passagem para outros destinos mais longínquos no Império.

A partir do caso do escultor francês Pierre Loiret (com actividade artística provável entre 1530-1560), pretendemos dar a conhecer um exemplo de um artista que, vindo morrer em Lisboa, manteve ao longo da sua carreira contactos estreitos com nobreza e clero influentes e com os mais afamados artistas do tempo.

O estudo da escultura do Renascimento em Portugal, desenvolvido nos últimos anos tanto no seio de projectos de investigação pluridisciplinares integrados em obras de conservação e restauro, como em publicações de carácter científico, tem permitido maior esclarecimento sobre a temática (1). Na verdade, os autores mais recentes, na senda dos trabalhos fundadores sobre a matéria de autoria de Vergílio Correia, Reynaldo dos Santos e António Nogueira Gonçalves, têm procurado determinar autorias, estabelecer cronologias e atribuições, considerando sempre o contexto histórico-artístico enquadrador da produção escultórica renascentista (2).

Nós próprios temos feito um esforço nesse sentido, procurando ainda identificar novos artistas e peças e definindo cronologias (3). Esta tarefa tem partido de um pressuposto essencial, também partilhado pela historiografia recente, de que existiram a laborar em Portugal, na primeira metade do século XVI, mais artistas do que apenas os conhecidos Nicolau Chanterene e João de Ruão, capazes de executar obras de escultura de elevada qualidade técnica e plasticidade.

A título de exemplo, refiram-se os casos de Francisco Loreto (François Loiret?), escultor e carpinteiro de marcenaria de origem francesa, responsável por trabalhos em Coimbra (igreja monástica de Santa Cruz), Tomar, Arronches, Olivença, Ceuta(?) e Vila Viçosa; Diego de la Zarza (Diogo de Çarça), também escultor e carpinteiro de marcenaria, mas desta feita de origem castelhana, com obra identificável

em Santarém (Igreja do Santíssimo Milagre) e em Lisboa (claustro, antiga sala dos Reis e coro-alto do mosteiro dos Jerónimos); ou ainda o francês Filipe Brias, artista que executou o poderoso Calvário do coro-alto deste mesmo mosteiro e que até há bem pouco tempo era erradamente considerado um flamengo.

Todos eles foram artistas com assinalável destaque ao tempo, se tivermos em conta a qualidade das obras que nos legaram, recheadas de citações da estética e da gramática ornamental renascentista, sem esquecer a clientela para a qual satisfizeram as encomendas, quase sempre relacionada com as elites sociais.

Para o presente artigo, tomar-se-á como ponto de partida o caso do escultor francês Pedro Loreto (Pierre Loiret?), activo entre os anos de 1540 e 1560, data na qual viria a falecer no cárcere da Santa Inquisição em Lisboa, conforme nos atesta a documentação coeva (4). O interesse na exploração do processo inquisitorial em que se envolveu aumenta, na medida em que se apura a ligação fraternal com o escultor Francisco Loreto, já aludido, e outros pormenores importantes para o entendimento do percurso biográfico e artístico trilhado até 1560.

O rastreio pioneiro de Paul Vitry, a que se lhe seguiu o de Pedro Dias, sobre a presença em Portugal de artistas e artífices oriundos do território que hoje corresponde à França, constitui nos nossos dias a base essencial para o entendimento da questão que está longe de ser encerrada (5). Com efeito, os autores mencionados justificam tal estada desses franceses em terras portuguesas na procura de condições mais favoráveis de trabalho, decorrentes quer do surto da Expansão atlântica, quer das várias empreitadas construtivas em curso, de que destacamos as ocorridas na Lisboa manuelina: Paço da Ribeira, Igreja da Conceição e os Mosteiros dos Jerónimos e da Madre de Deus.

Referem-se ainda, como possíveis motivações para a presença de artistas francófonos em Portugal, a fuga ao inconstante clima político vivido em França, entre o final do século XV e quase todo o século XVI, bem como a utilização das paragens portuguesas como ponto de passagem para outros destinos, ora provenientes da vizinha Espanha, ora de partida para o Norte de África, Oriente e Américas. As peregrinações, as viagens em âmbito diplomático e comercial, em busca de uma melhor e mais abastada clientela, contam-se como os principais fundamentos para esta movimentação assídua de estrangeiros entre França e Portugal.

A este propósito, Pedro Dias, a partir da leitura do levantamento efectuado por António Baião que prospectou os livros de denúncias da Inquisição de Lisboa, regista vários artistas e artífices, cuja origem parece remeter-nos para o território francês, de que destacamos os calceteiros, carpinteiros de marcenaria, lapidários, impressores, ourives, pedreiros, serralheiros e tecelões (6). Por entre tais nomes, surge o de Pedro Loreto, carpinteiro de marcenaria que, a 31 de Janeiro de 1560, viria a dar entrada no tribunal inquisitorial, após ter-lhe sido movido um processo.

A existência do nome de Pedro Loreto não era desconhecida da historiografia da arte, ainda que só em Portugal. Tanto em 1987, como mais tarde em 1996, Pedro Dias refere-se ao dito carpinteiro, alvitando a hipótese de se tratar de um parente do compatriota Francisco Loreto, mestre activo em Coimbra na década de 30 do século XVI. Em 1991, Rafael Moreira também trata de Pedro Loreto, documentando-lhe a execução de um desaparecido altar no Noviciado do Convento de Cristo de Tomar e presumindo-o igualmente aparentado com Francisco.

Por último, nós próprios em duas ocasiões, nas obras já citadas, tivemos o ensejo

de chamar a atenção para este carpinteiro de marcenaria quase desconhecido, afixando o parentesco com Francisco Loreto, sem porém avançarmos com mais detalhes por não serem esses os objectivos dos trabalhos citados.

Impõe-se por isso uma revisitação ao processo inquisitorial de Pedro Loreto, que testemunha tal ligação, sendo que este documento é também acompanhado por um inventário de bens do artista, testemunho raro à época e que nos revela alguns dados curiosos acerca do seu contexto sócio-cultural.

Tomando por base os dados recolhidos da leitura do processo inquisitorial de Pedro Loreto, apurámos que este artista era natural da região de Paris (um lugar a 16 léguas da capital), o que deverá equivaler à região do Loiret (afluente do rio Loire), antiga província de Orléans. Durante as confissões prestadas por Loreto, o mesmo diz-se no reino de Portugal há pelo menos vinte e um anos e casado há onze com Antónia Morais (de 40 anos) de quem não tem filhos.

A leitura do restante processo conta-nos que Pedro Loreto era cunhado de Cristóvão de Morais, célebre retratador, pintor régio, e examinador de pintores (a partir de 1554), sem esquecer as funções desempenhadas como oficial heráldico (depois de 1560), ocupando o elevado cargo de Rei de Armas (7). A proximidade familiar facilitou certamente o contacto artístico entre ambos, uma vez que o inventário *post-mortem* efectuado diz-nos que Cristóvão de Morais possuía por empréstimo um *livro de debuxos* de Pedro de Loreto. Este livro era certamente um álbum de desenhos ou esboços que documentaria o gosto estético do francês, formado em Fontainebleau ou no Vale do Loire, com as mais recentes novidades ornamentais da época.

A morada do escultor é-nos registada pelo próprio que nos assegura viver a par de Santo Espírito da Pedreira, acrescentando ainda que possui casas, com sua mulher, na Borralha, termo de Recardães (c. 3 km de Águeda).

Sobre as relações sociais estabelecidas por Loreto (em âmbito familiar ou fora dele), verificamos que ele manteve ao longo da sua carreira vários e profícuos contactos. Sabemos por exemplo que tinha um sobrinho, cirurgião, de nome João de Fontenay e que na oficina que funcionava em Lisboa, aprenderam ou trabalharam Ascenso Fernandes e Filipe Brias.

O primeiro foi um dos denunciante à Inquisição e refere-se ao tempo em que conviveu com Pedro de Loreto em Tomar e quando frequentava a casa dele na Borralha. Além disso, conta-nos Ascenso Fernandes que ele sentira necessidade de abandonar a oficina cedo demais, isto é antes do tempo a que era obrigado a permanecer nela, por discordar do que via e das práticas religiosas do seu mestre.

Por seu turno, Filipe Brias, carpinteiro de marcenaria francês que viria a abandonar Portugal rumo à Índia, é mencionado no processo de Loreto, quando este descreve a Quaresma passada em conjunto em Almeirim, durante a estada da corte em 1556. Além da alusão a estes dois artistas, refiram-se ainda ao longo do documento os nomes de Nuno Gonçalves (carpinteiro de marcenaria, morador ao Carmo e envolvido, certamente, na empreitada do cadeiral do vizinho mosteiro carmelita de 1554, de autoria de Diego de la Zarza), António e Pedro Fernandes de Coimbra (António Fernandes, o homónimo da órbita de João de Ruão?), Filbert francês, Albert, António do Rio, Justo e Henrique flamengos; sem esquecer Harte Balduque (acaso parente ou o próprio Roque Balduque?, escultor flamengo activo em Castela e Andaluzia, falecido em 1561), Guilherme e Janin flamengos, estes últimos colaboradores na empreitada de Tomar de 1555, conforme se atesta no processo.

A variedade de artistas que trabalharam ou contactaram com Pedro Loreto atesta não só a importância do escultor no meio artístico lisboeta do final do reinado de D. João III, mas também a multiplicidade de nacionalidades que acorriam à capital, em busca de oportunidades de trabalho. Só assim se justifica a associação estabelecida entre eles e Loreto, facto que testemunha os seus créditos já firmados.

Além do relacionamento estabelecido com outros artistas em Lisboa, saliente-se também a ligação efectuada com a órbita da corte régia, do Infante D. Luís e da Infante D. Maria, conclusões retiradas a partir da leitura do inventário de bens e dívidas do artista, onde os nomes destas personagens influentes acusam tal familiaridade.

Para o esboço biográfico de Pedro Loreto, assente-se que terá chegado a Portugal, Coimbra, em conjunto com o irmão Francisco e talvez outro carpinteiro de marcenaria, seu compatriota, de nome Charles. Entre os anos de 1531 e 1532, terá participado na empreitada do cadeiral, facistol e caixa do novo órgão do renovado complexo coral da igreja do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, a expensas dos monges cruzios e do influente Frei Brás de Barros (8). Convirá recordar que a permanência de Pedro Loreto em Coimbra é contemporânea com a do escultor/barrista Odart, com o arquitecto/escultor João de Ruão, o pedreiro Juan de la Faya e o reputado pintor viseense Vasco Fernandes.

Não temos notícias seguras acerca da biografia de Loreto em Portugal, durante os anos de 1535 e 1545, embora consideremos que terá estado associado às empreitadas sob responsabilidade do irmão Francisco, fosse no aro conimbricense, fosse em Tomar, Alentejo (Arronches e Vila Viçosa), ou até no Norte de África, a realizar tanto obra de pedraria ou marcenaria. A importância de Francisco Loreto na sociedade do tempo encontra-se há pouco atestada pelo facto de ser referenciado em documentação dos anos 40 do século XVI como arquitecto do Duque de Bragança (9). É provável que Pedro Loreto, no final da década de 40, regressasse a Tomar para executar a obra do Noviciado já mencionada, de que restará actualmente apenas o tecto, de sabor serliano, se ficar provado que é quinhestista e portanto contemporâneo à obra do retábulo, este último já desaparecido infelizmente.

No campo das hipóteses, e procurando cruzar informações coevas e a análise de esculturas renascentistas, filiáveis ou aproximáveis à arte de Francisco Loreto, já que de Pedro não temos nenhuma segura, propomos uma outra empreitada que bem pode ser do nosso artista.

Ao termos localizado no mapa o lugar da Borralha, morada “oficial” de Loreto/Morais, não deixámos de estranhar o facto de o casal ter optado por um local tão distante para habitar. No entanto, a extraordinária proximidade de Borralha em relação a Trofa do Vouga fez-nos equacionar a hipótese de Pedro Loreto (com ou sem a colaboração de Francisco) ter executado ou colaborado na empreitada renascentista do panteão dos Lemos na igreja matriz, a expensas do influente Duarte de Lemos c.1478-1558) (10). Aquilo que nos parece ser mais do que uma simples coincidência, poderá tornar-se uma sensacional aproximação à problemática autoria deste conjunto monumental e escultórico, há muito atribuído à mestria de João de Ruão, coadjuvado por Odart que será o responsável hipotético da estátua orante.

O número de empreitadas que nos meados da centúria de Quinhentos ocorria sob a batuta daquele mestre normando, a discrepância plástica evidente entre a tumulária de Trofa do Vouga e a mais aprimorada e homogênea arte de João de Ruão em

outras ocasiões (Atalaia, Varziela, porta Especiosa da Sé Velha de Coimbra etc.) e, por último, a proximidade da residência de Pedro Loreto, que se terá estabelecido neste lugar recôndito justamente por estar envolvido nas obras do panteão dos Lemos, autorizam-nos no seu todo a conjectura de ser o nosso escultor um activo e importante artista nesta vasta empreitada arquitectónico-escultórica.

Não sendo o lugar para explorar esta hipótese de trabalho, fica pois a pista para futuras investigações no campo da escultura renascentista de Coimbra. Se, entretanto, ficar comprovada a hipótese da sua participação nas obras de Trofa do Vouga, não teremos dúvida em afirmar que a escultura renascentista merecerá, a breve trecho, profunda reavaliação, num momento cronológico de evolução do gosto das clientelas e da paisagem decorativa do país que caminhava, pouco a pouco, rumo a um renascimento tardio de sabor maneirista. No que ao panorama artístico lisboeta no mesmo período cronológico diz respeito, importará igualmente o reposicionamento crítico, face ao volume de dados documentais que vão chegando, tornando Lisboa o palco preferencial da actuação de artistas, a maioria deles estrangeiros (11).



Notas

1. Cf. CRAVEIRO, Maria de Lurdes - O labirinto das formas e as marcas do poder na fachada de Santa Cruz *In* AIRES-BARROS, Luís, ed. - *Igreja de Santa Cruz de Coimbra, história, conservação e restauro da fachada e arco triunfal*, Lisboa: IPPAR, 2001, pp. 17-61. Neste âmbito insere-se igualmente o relatório histórico-artístico elaborado por nós elaborado (em conjunto com Carlos Monteiro e Teresa Silveira) no contexto da intervenção de conservação e restauro que a empresa CaCO3 realizou no retábulo renascentista da capela do Palácio Nacional da Pena no ano de 2004.
2. Sobre a escultura do Renascimento em Portugal, consultámos entre outros CARVALHO, Maria João Vilhena - A escultura portuguesa entre a pedra, a madeira e o barro (1450-1580), *In* RODRIGUES, Dalila, coord. - *Arte Portuguesa da Pré-História ao século XX*, Fubu Editores, 2009, pp. 11-71; CRAVEIRO, Maria de Lurdes - *A Arquitectura «ao Romano»*, RODRIGUES, Dalila, coord. - *Arte Portuguesa da Pré-História ao século XX*, Fubu Editores, 2009; *Idem* - *O Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra*, Coimbra: DRCC, 2011; *Idem* - *A Sé Velha de Coimbra*, Coimbra: DRCC, 2001; DIAS, Pedro - *O Fydias Peregrino, Nicolau Chanterene e a escultura europeia do Renascimento*, Coimbra: Cenel, 1996; FLOR, Pedro - *O Túmulo de D. João de Noronha e de D. Isabel de Sousa na Igreja de Santa Maria de Óbidos*, Lisboa: Ed. Colibri, 2002; GRILLO, Fernando - *Nicolau Chanterene e a afirmação da escultura do Renascimento na Península Ibérica (c.1511-1551)*, Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2000; MOREIRA, Rafael - *A Arquitectura do Renascimento no Sul de Portugal. A encomenda régia entre o Moderno e o Romano*, Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1991.
3. FLOR, Pedro - O portal da igreja matriz de Arronches e a escultura do Renascimento no Alentejo, *In* SERRÃO, Vítor, coord. - *O Largo Tempo do Renascimento - Arte, Propaganda e Poder*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / Instituto de História da Arte, 2008, pp. 131-151; FLOR, Pedro - Novos dados sobre o escultor renascentista Filipe Brias. *Arte Teoria*. Lisboa, Revista do Mestrado em Teorias da Arte da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. 11 (2008), pp. 124-132; FLOR, Pedro - Tommaso da Fossa: um escultor genovês em Lisboa em 1561. *In* ALESSANDRINI, Nunziatella et alii, org. - *Di buon affetto e commercio Relações luso-italianas na Idade Moderna*, Lisboa: CHAM/FCSH-UNL, 2012, pp. 143-150.
4. ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO (Lisboa), *Inquisição de Lisboa*, processo nº 10947 (inédito).
5. VITRY, Paul - Essai sur l'oeuvre des sculpteurs français au Portugal. *Bulletin des Études Portugaises*. Coimbra, 1-2 (1932); DIAS, Pedro - *Nicolau Chanterene, Escultor da Renascença*. Lisboa: Publicações Ciência e Vida, 1987, pp. 19-31.
6. DIAS, Pedro - *Nicolau Chanterene...*, pp. 23-25.
7. Sobre Cristóvão de Moraes, ver por exemplo FLOR, Pedro - *A arte do Retrato em Portugal nos séculos XV e XVI*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, pp. 317-319; JORDAN-GSHWEND, Annemarie - *O retrato de Corte em Portugal: O legado de Anthonis Mor*. Lisboa: Quetzal Editores, 1994, pp. 105-120.

8. GARCIA, Prudêncio Quintino - *Artistas de Coimbra – Documentos para as suas biografias*. Coimbra: Imp. da Universidade, 1923; DIAS, Pedro - *A arquitectura de Coimbra na transição do Gótico para a Renascença - 1490/1540*. Coimbra: Epartur, 1982; *Idem* - A presença de artistas franceses no Portugal de Quinhentos. *Mundo da Arte*. 15 (1983), pp. 3-18.
9. Agradecemos a informação inédita sobre o estatuto de Francisco Loreto de arquitecto da casa ducal a Vítor Serrão e Manuel Calhau Branco.
10. BORGES, Nelson Correia - *João de Ruão, escultor da Renascença Coimbra*. Coimbra, 1980. LACERDA, Aarão - *O Panteon dos Lemos*. Porto, 1928.
11. Além dos contributos parcelares que temos vindo a trazer a lume, refira-se também mais recentemente o trabalho de Francisco BILOU - Alguns artistas estrangeiros residentes em Portugal (1550-1640). Notas documentais colhidas nos processos da Inquirição de Lisboa. *Cadernos de História da Arte*, nº 1 (2013), pp. 89-98.